

# AS IMPLICAÇÕES ENTRE AS APORIAS DA TEORIA DAS IDEIAS NO *PARMÊNIDES* E AS PROPRIEDADES DO SER NO POEMA DE PARMÊNIDES

JOSIAS ISRAEL FERREIRA ALVES<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto tem por finalidade investigar possíveis pressupostos da Teoria das Ideias vinculados com as teses sobre o Ser de Parmênides. Especificamente, visamos examinar quais são as relações entre as aporias da Teoria das Ideias expostas no diálogo *Parmênides* e as propriedades do Ser deduzidas no fragmento 8 do poema de Parmênides. Visamos compreender, de modo mais aprofundado, como se dá o desenvolvimento da Teoria das Ideias nos diálogos em que tal teoria aparece no seu modelo mais tradicional até seu momento crítico no *Parmênides*. Buscaremos explicitar quais são os aspectos fundamentais que constituem a natureza da Ideia e que estão a ela associados, mais detalhadamente, para os fins deste texto, no *Fédon* e no *Banquete*. Mostrando como seria possível enxergar um parentesco entre estes aspectos associados à Ideia e ao Ser. Dedicamo-nos à análise do desenvolvimento da Teoria das Ideias ao longo de determinados diálogos de Platão, passando pelos diálogos de juventude até aqueles reconhecidos como os de maturidade, buscando analisar os termos associados à palavra eidos e, em seguida, destacando como os termos associados à esta palavra denotam três aspectos fundamentais: *unidade, identidade e imutabilidade*. Na segunda parte, dedicamo-nos a examinar o momento crítico da Teoria das Ideias presente no diálogo *Parmênides*, precisamente, analisando a chamada “aporia da participação”, na qual a relação entre as Ideias e as entidades sensíveis é problematizada. Na terceira parte, examinamos as teses sobre o Ser de Parmênides e a organização de seus fragmentos. Tendo como objetivo examinar o fragmento 8, no qual se enumeram as propriedades sobre o Ser, destacando como é possível depreender dos atributos lá mencionados características aparentadas à Ideia. Na conclusão, procuramos expor as relações entre a crítica à Teoria das Ideias do *Parmênides* com os atributos do Ser nomeados no fragmento 8 do poema de Parmênides.

**Palavras-chave:** Ser; Ideia; Participação.

## 1. O desenvolvimento da Teoria das Ideias

Há um debate entre os comentadores da obra platônica acerca do compromisso de Platão com a crítica à Teoria das Ideias, apresentadas pelo filósofo no *Parmênides*. Nessa discussão, dentre diversas posições defendidas a respeito desse vínculo, alguns comentadores chegam a levantar a possibilidade

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio. E-mail: josiasisrael54@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6693293208967305>.

de que a crítica teria expresso o rompimento de Platão com a Teoria<sup>2</sup>, levando-o, mais adiante, ao abandono dela.

Nossa pesquisa visa a uma compreensão mais aprofundada desse momento crítico da filosofia platônica, buscando identificar possíveis pressupostos da Teoria das Ideias que, em virtude das aporias implicadas em tais pressupostos, estivessem sendo reexaminados por Platão. Nesse sentido, tais são as perguntas que conduzem nossa investigação: na formulação do que se deva compreender pela *Ideia* (*eidos*; *idea*, dentre outros termos utilizados pelo filósofo), há pressupostos que possam estar comprometidos na crítica dessa Teoria no *Parmênides*? Admitindo-se que sim, quais seriam? Tais pressupostos teriam relações com as propriedades que foram atribuídas ao Ser, por Parmênides, em seu poema?

Dois comentadores da obra platônica oferecem-nos uma primeira abordagem do desenvolvimento da Teoria das Ideias e de sua crítica no *Parmênides*: David Ross (1951) e Francis Cornford (1939). Para a caracterização e fundamentação das questões anteriormente apontadas, neste trabalho, seguiremos de perto as considerações desses comentários, embora tenhamos como intenção, por meio da pesquisa a ser desenvolvida, enriquecer o exame com obras de outros comentadores. Ao considerarmos a exposição de David Ross acerca do desenvolvimento do conceito de *Ideia* na obra de Platão, é possível dizer que três aspectos podem ser associados a esse termo: o caráter de unidade, o de identidade, admitindo-se também a imutabilidade. De acordo com Ross, nos diálogos reconhecidos geralmente como sendo da fase inicial da escrita de Platão – também nomeados como “diálogos socráticos”<sup>3</sup>, em que se busca uma definição do valor que está sendo objeto da conversa –, subjacente à pergunta “O que é x?”, já estaria “latente” o “germe” da Teoria das Ideias. Tal pergunta implicaria a existência de “algo singular” a partir do qual o termo cuja definição se busca,

<sup>2</sup> Dentre os que compartilham dessa posição podemos destacar, sobretudo, Jackson (1882) e Owen (1953).

<sup>3</sup> Ross (1951, p. 11) menciona, especificamente, 4 diálogos dessa fase inicial: o *Cármides*, o *Laques*, o *Eutífron* e o *Hípias Maior*. Em todos esses a questão fundamental que conduz a discussão pode ser resumida sob a pergunta “O que é x?”. No primeiro, *Cármides*, “O que é a temperança?”; no segundo, *Laques*, “O que é a coragem”; no terceiro, *Eutífron*, “O que é a piedade?” e no quarto, *Hípias Maior*, “O que é a beleza?”.

como a “temperança”, por exemplo, pode ser justificado. Assim, os múltiplos exemplares de um mesmo objeto, que compartilham do mesmo nome, encontrariam seu fundamento nesse algo singular que justifica o próprio nome. E, ainda, este “algo singular” seria distinto de qualquer um desses exemplares, bem como de qualquer pessoa ou ação chamadas “temperantes”.

Interessa-nos, a partir desse comentário de Ross, dar destaque ao caráter de unidade que caracteriza aquilo que é objeto da definição buscada com a pergunta “o que é x?”, pois essa unidade se manterá como propriedade dos termos *idea* e *eidos* em outros diálogos que, ainda segundo o comentador, começarão a tratar de forma mais técnica essa terminologia. Assim é, por exemplo, o caso do *Laques*, quando se questiona o que, em todos os exemplos de coragem, é o mesmo ou, em outras palavras, o que permite com que eu chame um conjunto de exemplares por um mesmo nome. Outro caso, mencionado por Ross, é o *Eutífron*, diálogo no qual os termos *idea* e *eidos* já apareceriam em seu sentido técnico ou, mais precisamente, no sentido platônico de Ideia ou Forma como será explicitado nos diálogos posteriores. Esse seria o sentido atribuído aos termos nas passagens 5d e 6d, onde se pergunta qual é a Forma *única* e *mesma* em todos os atos ímpios e pios, em virtude da qual todos estes recebem tal denominação.

As palavras *idea* e *eidos* também aparecem no *Hípias Maior*, nas passagens 289d e 298b, sendo importante destacar que no diálogo mencionado há uma ocorrência da expressão *auto tó*, pois se indaga sobre o que é beleza em si mesma (*auto tó kalon*). Como bem observa Matoso<sup>4</sup>, em diálogos como *Hípias* e, de modo geral, nos diálogos cuja discussão se desenvolve a partir da busca pela definição, isto é, a partir da pergunta *ti esti x?* (O que é x?), tal questão estará relacionada com a busca por este *eidos*, aquilo em virtude do qual as coisas aparecem como belas, no caso do *Hípias* e, no caso do *Eutífron*, aquilo em virtude do qual todas as coisas pias são pias.

Nesse sentido, os “germes” ou “sementes” da *Teoria* presentes nos diálogos iniciais fariam parte de um desenvolvimento do modo segundo o qual a *Teoria*

---

<sup>4</sup> Matoso, 2014, p. 56.

estaria formulada, em sua forma mais tradicional, nos diálogos considerados como da fase de maturidade de Platão, *Fédon*, *República*, *Banquete* e *Fedro*, onde a expressão *eidos* estará acompanhada – como já visto no *Hípias Maior* – pela expressão *auto tó*. É o caso, em especial, do *Fédon* e do *Banquete*, na apresentação das Ideias ou Formas Inteligíveis que são em si e por si.

No diálogo já mencionado acima, o *Fédon* – no qual a distinção entre a Forma (*eidos*) e os objetos sensíveis está colocada –, a Teoria das Ideias está formulada a partir de uma passagem conhecida como a “segunda navegação” (*deuterous plous*, 99d). Nela, Sócrates, não estando mais satisfeito com o método de investigação proposto por Anaxágoras para investigar a causa de todas as coisas, propõe um outro método que seria mais efetivo. No diálogo, afirma-se que este método consiste em adotar o raciocínio (*lógos*) mais forte como verdadeiro e ir aceitando os demais raciocínios (*lógoi*) que concordam com ele e rejeitar aqueles que dele discordam (*Fédon*, 100a).

O avanço da aplicação do método leva à postulação (hipótese) de um *Belo*, um *Bom* e um *Grande em si* (*Fédon*, 100c) e, ainda, à existência de um outro belo, aquele que é belo em virtude de sua participação no *Belo em si*:

o que faz belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça a sua comunicação com este. O modo por que essa participação se efetua, não examino neste momento; afirmo apenas, que tudo o que é belo é belo em virtude do Belo em si (100d-e).<sup>5</sup>

Como bem observa Ross<sup>6</sup>, Platão utiliza certos termos para expressar a conexão ou comunicação entre a Ideia e os entes sensíveis, como por exemplo *parousia* (100d 5), *koinonia* (100d 6), *metáschesis* (101c 5) e *metálepsis* (102b 2). Sócrates, no entanto, prefere não analisar, na presente discussão, o modo segundo o qual essa participação dos objetos sensíveis nas Ideias ocorre. De fato, é no *Parmênides*, diálogo considerado posterior ao *Fédon* segundo o paradigma

<sup>5</sup> Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Platão, *Fédon* 100d-e.

<sup>6</sup> Ross, 1951, p. 29.

desenvolvimentista, que Platão apresentará uma análise crítica desse problema da participação.

No *Banquete*, as teses que compõem a formulação da Teoria são proferidas por Sócrates através das palavras de Diotima, a sacerdotisa de Mantineia. O discurso de Diotima tem por objetivo fazer os ouvintes reconhecerem a existência de um *Belo em si* por meio de um método ascendente, que partiria do amor e do desejo erótico pelos objetos sensíveis até o *Belo em si mesmo*, assinala Matoso<sup>7</sup>.

De acordo com Diotima, deve-se começar a reconhecer os belos corpos, para, em seguida, perceber que a beleza de um corpo está presente também em outro corpo e, então, desconsiderando pouco a pouco a beleza dos corpos, deve-se considerar a beleza da alma superior e, a partir disso, poder-se-á contemplar o belo nas leis e “descobrir que todo ele é congênere de si mesmo” (*Banquete*, 210b-c). Após este passo, deve-se ir para a contemplação do belo nas ciências e, assim, reconhecer uma “certa ciência única, que é a de um certo belo”, de tal modo que, seguindo esses passos, possa-se contemplar o “belo por natureza” (*Banquete*, 210e):

primeiro sempre sendo, sem nascer nem morrer, sem crescer nem decrescer e, além disso, nem belo aqui e feio ali, nem agora sim e depois não, nem em relação a isso belo e em relação àquilo feio (...) sendo ele mesmo por si mesmo, consigo mesmo, eternamente unímodo, e todas as outras coisas belas dele participam de tal modo que, enquanto tudo o mais nasce e morre, ele nem cresce nem diminui, nem nada sofre. (211a-b)<sup>8</sup>.

No trecho acima, bem como em 210b-c, é possível destacar aspectos fundamentais da Ideia, neste caso, do *Belo em si*: sua *unidade, identidade e imutabilidade*. Diz-se que ele é único e imutável, pois é “um certo belo” sendo “eternamente unímodo” (*monoeides aei ón*) e que nada “sofre” (*paschein*), e, ainda, revelando seu caráter de identidade, é “ele mesmo por si mesmo, consigo mesmo” (*autó kath' autó meth' autou*).

<sup>7</sup> Matoso, 2014, p. 129.

<sup>8</sup> Tradução de Irley Franco e Jaa Torrano Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2021. Platão, *Banquete* 211a-b.

Com esse sumário levantamento de alguns aspectos da concepção da Ideia já anunciados na busca da definição nos diálogos socráticos e a breve exposição acerca das teses que atuariam como componentes da *Teoria das Ideias*, temos por objetivo dar o destaque para as três propriedades anteriormente citadas acerca das Ideias: a da unidade e a da identidade e a da imutabilidade. Tais propriedades poderiam ser identificadas sem dificuldade, por exemplo, no caso do *Fédon*, onde se afirma, explicitamente, que ela é *em si e por si* e, no *Banquete*, que além de *em si e por si*, as Ideias seriam algo eterno, “unímodo” (uno) e que nada “sofre”.

## 2. O *Parmênides* e a crítica à Teoria das Ideias

O *Parmênides*, que representa o momento crítico em relação à Teoria da Ideias, é geralmente colocado junto com o *Teeteto*, entre o grupo dos diálogos considerados médios (*Mênon*, *Fédon*, *Banquete*, *República*, *Fedro*) e o grupo de diálogos considerados como os escritos mais tardios de Platão (*Sofista*, *Político*, *Timeu*, *Filebo*), como assinala Cornford<sup>9</sup>.

A problemática do diálogo começa a se desenrolar a partir do pedido de Sócrates a Zenão para que este releia a primeira hipótese do primeiro argumento. Esse argumento, em última instância, dizia que se os seres são múltiplos<sup>10</sup> devem ser semelhantes e dessemelhantes, o que, no entanto, seria impossível (127d). De acordo com Ross<sup>11</sup>, o argumento de Zenão tem por objetivo defender a tese de Parmênides – que afirma a unidade –, por meio das consequências absurdas da tese contrária (128a). Essa implicação entre os argumentos de Zenão e a tese de Parmênides é denunciada por Sócrates no próprio diálogo (128a-b).

<sup>9</sup> Cornford, 1939, p. 63.

<sup>10</sup> De acordo com Matoso (2014, p. 193), parece haver uma ambiguidade no sujeito do argumento contra a pluralidade apresentado por Zenão: “O argumento pode estar visando demonstrar a impossibilidade de uma pluralidade numérica, isto é: da tese de que há mais de uma coisa no mundo, ou pode estar visando demonstrar a impossibilidade de uma mesma coisa possuir mais de um atributo.” Apesar de reconhecermos que a ambiguidade pode implicar relevantes consequências filosóficas para interpretação do argumento, para fins deste trabalho, assumimos a forma do argumento apresentada no corpo do texto.

<sup>11</sup> Ross, 1951, p. 83.

Como assinala Cornford<sup>12</sup>, Sócrates, por sua vez, para lidar com o argumento de Zenão contra a pluralidade, propõe como resposta a teoria da participação dos entes sensíveis nas Ideias. O personagem Sócrates afirma que será pela participação nas Ideias em si e por si da Semelhança e da Dessemelhança que as coisas chamadas múltiplas poderão ter esses atributos contrários.

Após esse passo, o personagem Parmênides passa a proferir suas objeções à saída utilizada por Sócrates ao argumento de Zenão. A crítica do eleata passará por três aspectos: (I) a extensão do mundo das Formas ou Ideias; (II) o problema da relação dos objetos sensíveis nessas Formas ou Ideias, examinando-o sob o modo de relação (a.) por participação e (b.) por imitação; (c.) por pensamento; (III) o problema decorrente do fato de que, se as Formas existirem separadamente das coisas sensíveis, serão incognoscíveis para nós.

Para os fins do presente trabalho, concentramo-nos principalmente na segunda objeção, que problematiza a relação dos entes sensíveis com as Ideias, no modo examinado de relação (a.) por participação. Nesse passo, a objeção que o personagem Parmênides fará se concentra no termo *metalambánein*, que significa “tomar parte” ou “participar”, pois esta é a palavra utilizada por Sócrates para exprimir a relação de participação das entidades sensíveis com as Ideias. Vale destacar que esse é o termo utilizado também nos diálogos *Fédon* e *Banquete*, para expressar o mesmo tipo de relação.

No início da investigação do eleata sobre a relação de participação, é questionado se a coisa sensível participa por inteiro da Ideia ou só de uma parte dela. Seguindo a orientação que Parmênides confere ao exame por meio de suas perguntas, Sócrates concorda, no primeiro momento, que a Ideia “inteira, sendo *uma*” (131a) esteja presente, por inteiro, em cada ente sensível. Parmênides evidenciará uma aporia resultante desse modo de participação, pois, se assim o for, a Ideia, estando em cada coisa particular, estará separada de si mesma, pois “sendo *uma* (*hén*), *mesma* (*tautón*) e *inteira* (*hólon*), estará, inteira, simultaneamente, em coisas que são múltiplas e separadas, e, assim, ela estaria

---

<sup>12</sup> Cornford, 1939, p. 69.



separada de si mesma” (131b). Essa consequência é claramente indesejada, já que comprometeria os aspectos da *unidade*, da *identidade* e da *imutabilidade*, levando à mudança da própria natureza da Ideia, na medida em que se multiplicaria nos diversos entes sensíveis, deixando de cumprir plenamente com sua identidade, afastando-se de sua condição de *ser em si* (129a), anteriormente afirmada. É válido lembrar aqui que, nesse argumento, Parmênides ressalta esses aspectos da *unidade* e da *identidade* sobre a Ideia, aspectos anteriormente apresentados nos diálogos que desenvolveram essa teoria, em especial no *Banquete* e no *Fédon*.

Na tentativa de Sócrates de resolver as aporias decorrentes da participação na Ideia inteira, por meio da imagem da luz do sol, Parmênides encaminha a análise para o modo de participação em parte da Ideia, por meio da imagem de uma vela de um barco que cobrisse vários homens. A vela, estendida sobre cada um dos homens, cada um destes só tocaria em uma parte dela. Consequentemente, a imagem sugerida expressaria que as coisas sensíveis participariam de uma parte da Ideia e, por conseguinte, a própria Ideia se dividiria e não seria mais *uma*: “a forma, uma, em verdade, se nos divide e ainda será uma?” (*Parmênides*, 131b-c).

A próxima objeção, decorrente das consequências paradoxais das Ideias estarem divididas nas coisas, conduz ao que foi cunhado de *Argumento do Terceiro Homem*<sup>13</sup>. Sócrates admite que em todas as coisas múltiplas que, nesse caso, parecem ser grandes, há “uma certa ideia *uma* e a mesma em todas”, ideia que faz com que todas as múltiplas coisas apareçam como grandes, e que tem a característica de ser uma: “...donde acreditas o grande ser *um*”. O problema seria o de que, havendo participação dessa maneira, deveria haver uma nova forma da qual participam a primeira forma e também as coisas que têm a característica mencionada, mas se assim for, terá que existir uma terceira forma, da qual participam a primeira e as coisas sensíveis que possuiriam determinada qualidade (*Parmênides*, 132 a-b).

---

<sup>13</sup> Para uma compreensão mais aprofundada das interpretações do argumento e de suas implicações na Teoria das Ideias, sugerimos atenção a Vlastos, 1954.



Isto se dá porque a primeira Ideia, o Grande em si, não pode se confundir com as coisas grandes, *entidade sensível*, mas a relação entre as duas, precisa, de algum modo, ser preservada - já que as duas instâncias possuem o atributo “grandeza”. Ora, isto só é possível a partir da existência de um terceiro elemento, nesse caso, uma segunda Ideia, das quais as duas – a primeira Ideia e a entidade sensível – participem, o que acarreta o mesmo problema: é necessário que exista uma nova Ideia, que não se confunda com os outros elementos já existentes, das quais estes participem. Tal processo se daria de modo indefinido, o que levaria a uma multiplicação infinita de Ideias, constituindo um *regressum ad infinitum* e, conseqüentemente, comprometendo a *unidade* característica da Ideia (132a-b).

Dessas objeções à participação dos objetos sensíveis nas Ideias, é particularmente importante para nossa proposta de pesquisa o questionamento dos atributos que parecem ser inerentes à Ideia. O exame nos leva a considerar que a *unidade* e a *identidade* da Ideia parecem estar sendo colocadas como características que devem ser preservadas, o que não acontecerá caso a Ideia se fragmente e, conseqüentemente, não seja mais uma, mesma e inteira.

Ao final das objeções, Parmênides não parece utilizar palavras de triunfo sobre a Teoria, mas, ao contrário, reconhecendo-a como necessária, afirma que sem a Teoria das Ideias “não haverá para onde voltar o pensamento”, comprometendo o “poder de dialogar” e, conseqüentemente, o fundamento ou possibilidade de haver filosofia (*Parmênides*, 135b- c).

### 3. O poema de Parmênides e os *sémata* do Ser

Direcionamo-nos ao poema<sup>14</sup> de Parmênides, mais especificamente, ao seu fragmento 8, no qual uma série de “indícios” (*sémata*) do Ser são enumerados. Cabe destacar os termos utilizados nessa caracterização do Ser que, se nos é permitido dizer, denotam suas propriedades principais. Tais propriedades são deduzidas necessariamente a partir do que foi afirmado no fragmento 2 e 3, admitido por alguns comentadores como “premissas verdadeiras”. Essas

---

<sup>14</sup> Para a citação dos termos presentes no poema de Parmênides, bem como as citações de seus fragmentos acompanhamos a tradução de José Cavalcante de Souza (1999).

premissas expressam a impossibilidade de conhecer, dizer e pensar o não-ser. A deusa afirma:

Só ainda (o) mito de (uma) via  
resta, que é; e sobre esta indícios existem,  
bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível,  
pois é todo inteiro, inabalável e sem fim;  
nem jamais era nem será, pois é agora todo junto,  
uno, contínuo; pois que geração procurarías dele? (B81-6)

No fragmento acima, algumas características fundamentais do “que é” são citadas. Interessa-nos destacar as seguintes características: ingênito, imperecível, todo inteiro, inabalável, sem fim e uno. A partir dessas características, podemos admitir três principais aspectos do Ser: *imutabilidade*, *estabilidade* e, sobretudo, *unidade*.

Sob os aspectos estabelecidos, há um caráter de necessidade. Isto é, assumindo as três condições previamente estabelecidas: a) que o ser é; b) que não ser não é; c) e que soemente o caminho do ser constitui uma via válida de investigação, determinados “indícios” ou “marcas” (*sémata*) seguem-se necessariamente. No início do fragmento, usa-se “ingênito” (*agnéton*) e “imperecível” (*anólethron*), marcas do Ser que ressaltam seu caráter imutável. Ele também não está sujeito à geração, no sentido de que nunca nasceu nem foi gerado por nenhum outro ser e, por isso, é “não-criado” ou ingênito, não estando tampouco sujeito a *oléthros*, à destruição, ou morte. Desse modo nos é permitido entender que a geração não pode fazer parte da esfera do Ser ou *do que é*; a corrupção e a geração não podem ser sinais, marcas ou indícios do Ser, e isto se confirma ao final do trecho, no qual se pergunta “...pois que geração procurarías nele?”. Parece que Parmênides quer aqui demarcar quais são os atributos necessários à esfera do Ser e, ao mesmo tempo em que afirma uns, exclui outros, sendo um dos excluídos a geração.

Logo em seguida, se diz que ele é “todo inteiro” (*oúlon*) e “inabalável” (*atreμες*). Vê-se que o primeiro termo aponta para a necessidade de “o que é” ser todo inteiro e, portanto, sem partes, algo que “possua” unidade, o que é reforçado pelos atributos de ser contínuo (*synechés*), uno (*hén*). O segundo termo “inabalável”

aponta para a necessidade de que sua natureza seja estável (*atremes*) e imóvel (*akíneton*), atributo que será explicitamente citado mais adiante no verso 40 do fragmento 8. Ao final do trecho, completa-se a descrição do Ser com “nem jamais era nem será”, ressaltando sua natureza ingênita e isenta de qualquer tipo de geração ou corrupção: “pois é agora todo junto”.

Em outra parte do mesmo fragmento 8 afirma-se:

Nem divisível é, pois é todo idêntico; nem algo em uma parte mais, que o impedisse de conter-se, nem também algo menos, mas é todo cheio do que é, por isso é todo contínuo; pois ente a ente adere. Por outro lado, imóvel em limites de grandes liames é sem princípio e sem pausa, pois geração e perecimento bem longe afastaram-se, rechaçou-os a fé verdadeira (B8 20-26).

No trecho acima, é possível ver como Parmênides ressaltava, ainda mais explicitamente, duas marcas (*sémata*) fundamentais da esfera do Ser. A primeira delas é a sua indivisibilidade, expressa pela locução “nem divisível é” (*oudé diaretón estin*). Portanto, ainda que não explicitamente mencionada, sua condição de unidade é mais uma vez reforçada, assim como sua identidade consigo mesmo, sua autorreferência e seu caráter em si. O Ser é, ainda, “todo idêntico”, “homogêneo” (*homoion*), não sendo algo “a menos” ou “a mais”, mas sendo “todo cheio do que é” e também, “todo contínuo”. Este caráter de “identidade” ou “mesmidade” da esfera se confirma mais à frente, no fragmento 30, no qual se diz “O mesmo e no mesmo persistindo em si mesmo pousa”.

Na medida em que se afirmam aspectos fundamentais da natureza do Ser, observa-se que a “geração” e o “perecimento” dele se afastam. Ao mesmo tempo que se fala da esfera do Ser, fala-se daquilo que dela não pode se aproximar ou atingir, a saber, a geração, o devir. Parece-nos ser permitido dizer que, Parmênides pretende cindir, de fato, a estrutura do real, pois há a esfera do Ser, que é uma, mesma, inteira e estável, e, por outro lado, aquela da geração e do perecimento.

Do exposto acima sobre a Ideia e o Ser de Parmênides, acreditamos ser possível afirmar que: os *sémata* atribuídos ao Ser no poema de Parmênides são semelhantes, alguns deles iguais, àqueles atribuídos à Ideia nos diálogos onde a Teoria está colocada em seu formato mais elaborado e, ainda, ser possível admitir

que tais atributos parecem estar sendo colocados em questão no momento de crítica à Teoria presente no diálogo *Parmênides*, a saber, atributos que dizem respeito da *identidade*, *imutabilidade* e *unidade*.

A respeito desse parentesco entre os atributos designados ao Ser e à Ideia parece-nos ser possível perguntar: há possibilidade de essa relação entre os atributos mencionados indicar um compromisso da Teoria com as teses presentes no poema de Parmênides? Se sim, é possível dizer, diante do que foi apresentado, que a crítica feita à Teoria no *Parmênides* vai de encontro também a este compromisso?

### **Conclusão: A afinidade entre Ideia e Ser e sua relação com a crítica à Teoria das Ideias**

Conforme vimos na apresentação do problema, as características de *unidade*, *identidade* e *imutabilidade* foram reconhecidas como constitutivas da natureza da Ideia, sendo tais características muito próximas das afirmadas por Parmênides acerca do Ser, como consequências necessárias da interdição ao Não-Ser.

A Ideia, como fundamento ontológico das coisas sensíveis, ou seja, como o que faz com que os entes sensíveis sejam o que são, parece atender aos atributos reconhecidos por Parmênides, em seu poema, como atributos do que é plenamente e não se envolve com o não-ser. Nesse sentido, as naturezas do Ser e da Ideia parecem estar aparentadas, pois, na medida em que a Ideia perde tais características, colocar-se-ia em questão sua condição de ser fundamento ontológico das coisas sensíveis. Isso parece ser o que é explorado na crítica do *Parmênides*. Considerando-se os pressupostos da Teoria das Ideias, esses aspectos exigidos enquanto condição da Ideia como princípio de Ser das coisas se mostram incompatíveis com condições necessárias para serem atendidas no caso de se afirmar a participação entre Ideia e entes sensíveis. A participação, para ser afirmada, coloca em xeque os aspectos inerentes à natureza da Ideia – *unidade*, *identidade* e *imutabilidade* – inviabilizando que a Ideia cumpra com seu papel de fundamento dos entes sensíveis. A preservação das propriedades de

*unidade, identidade e imutabilidade*, em consonância com os atributos do Ser parmenídico, inviabiliza a participação entre Ideia e entes sensíveis, levando à impossibilidade da sustentação da Teoria.

Observamos anteriormente que a crítica à participação no *Parmênides* colocava em xeque tais aspectos fundamentais da Ideia, pois qualquer que fosse o modo considerado dessa participação levaria a Ideia a ter partes, a ser múltipla, fazendo-a perder sua unidade e, ao mesmo tempo, perdendo sua identidade consigo mesmo e sua natureza de ser em si e por si e, conseqüentemente, sua natureza *una* e idêntica sendo afetada, sua imutabilidade é também comprometida. De um tal modo que, a preservação da afinidade da Ideia com Ser parmenídico implicaria na insustentabilidade da Teoria, pois ao se relacionar com as coisas sensíveis, o estatuto ontológico da Ideia seria afetado, comprometendo-a como fundamento das entidades sensíveis.

A insustentabilidade da Teoria das Ideias conduziu a outra constatação surpreendente: o reconhecimento de que, sem a Teoria, o pensamento, a linguagem e a filosofia perderiam seu fundamento. A defesa da Teoria exigiria, nesse sentido, uma revisão de seus pressupostos, tanto daquele que diz respeito aos atributos da natureza da Ideia, como já dito, afinados às propriedades do Ser parmenídico, como no que se refere a modos da participação entre Ideia e entes sensíveis. Podemos dizer, assim, que a crítica à Teoria das Ideias envolveria também, indiretamente, uma crítica à concepção de unidade do Ser de Parmênides.

## Referências

ALLEN, R. E. Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues. *Philosophical Review*, v. 69, p. 147-83, 1960.

\_\_\_\_\_. *Plato's Parmenides Translated with comment*. New Haven: Yale University Press, 1997.

BRISSON, L. *Platon Parménide*: introduction et notes, Paris: GF, 1990.

CARNEIRO LEÃO, E.; WRUBLEWSKI, S. *Os Pensadores Originários*. Petrópolis, Vozes, 1991.

CAVALCANTE DE SOUSA, J. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Ed. Abril, 1973

CONFORD F. *Plato and Parmenides*, London: Keagan Paul, 1939.

CORDERO, N. L. *Sendo, se é: a tese de Parmênides*. Tradução de Eduardo Wolf). São Paulo: Odysseus Editora, 2011.

IGLÉSIAS, M. A relação entre sensível e inteligível: methexis ou mimesis? In: PERINE, M. (Org.) *Estudos platônicos – sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

JACKSON, H. Plato's theory of ideas II – The Parmenides. *The Journal of Philosophy*, n. 11, p. 287-331, 1982.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de C. A. Fonseca. Lisboa: F.C.G., 1982.

MATOSO, R. *A ontologia de Sócrates nos diálogos de Platão: da busca por definições às críticas do Parmênides*. Tese de Doutorado. Departamento de Filosofia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

OWEN, G. E. L. The Place of the Timaeus in Plato's Dialogues. *Classical Quarterly*, v. 3. pp.79-85, 1953.

PLATÃO. *Parmênides*. Tradução e notas de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Banquete*. Tradução e notas de Irley Franco e Jaa Torrano. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2021.

\_\_\_\_\_. *Banquete, Fédon, Sofista e Político*. [Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa] Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROSS, W. D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1951.

SANTORO, F. *Filósofos épicos I: Parmênides e Xenófanes, fragmentos / edição do texto grego, tradução e comentários Fernando Santoro; revisão científica Néstor Cordero*. Rio de Janeiro: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

TRINDADE SANTOS, J. *Da Natureza – Parmênides*. Brasília: Thesaurus, 2000.

VLASTOS, G. The Third Man Argument in the Parmenides. *The Philosophical Review*, vol. 63, n.3, p. 319-349, 195.